

# “Seguir a intuição. Esse é um dos caminhos que transformam arte em desenvolvimento espiritual”, disse o pintor russo Wassily Kandinsky

## MADONAS DE CABEÇAS ERGUIDAS

Gisela Porto Benatti

A própria semelhança física com as madonas renascentistas levou a artista plástica Gisela Porto Benatti, de São Paulo, a explorar temas espirituais em sua arte. Descendente de italianos, Gisela tem pele clara e cabelos anelados. Quando adolescente, recebeu o apelido de Lisa – uma referência ao mais famoso retrato de Leonardo da Vinci (1452-1519), *Mona Lisa*. Afora a identificação com a Gioconda, ela sempre foi fascinada por uma imagem consagrada na arte barroca e renascentista: a da

mãe imaculada com o filho no colo.

Depois de concluir belas artes na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, permitiu-se, literalmente, monalizar-se: “Fiz algumas pinturas e fundi retratos meus à figura da Mona Lisa”, conta Gisela. A primeira experiência, nascida de uma brincadeira em torno do antigo apelido, acabou inspirando uma consistente pesquisa sobre o modelo que sobrevive há séculos na cultura universal como representação arquetípica do feminino, dando origem à série de quadros *Madonnas Históricas*.

Gisela começou por modificar as reproduções das obras originais.

Levantou, por exemplo, a cabeça das mães, que, na maioria das antigas pinturas italianas, dirigiam o olhar apenas ao filho. Algumas das personagens revisitadas passaram assim a olhar diretamente quem contempla a tela, seduzindo o espectador, como se chamassem atenção para a origem mundana, e não celestial, da vida.

No lugar da idealização da mãe casta, a artista procurou valorizar a potencialidade geradora da mulher. As novas madonas recuperaram a sexualidade perdida. Uma delas, por exemplo, evolui para uma virgem grávida, e pode-se ver o bebê já pronto para nascer.



Gisela emprestou o próprio rosto às suas madonas. Diferentemente das figuras barrocas, elas não olham apenas para o filho e lembram os aspectos mundanos da vida.

## AQUARELAS COM LETRAS TIBETANAS

Cláudia Proushan

Uma obra de arte quase sempre é antecipada por alguma necessidade interior. Parece mesmo impossível desconectar a criação estética do campo da espiritualidade, como assegurou o mais oriental dos pintores russos, Wassily Kandinsky (1866-1944), autor do livro *Do Espiritual na Arte*. Foi assim com as pinturas de inspiração tibetana da aquarelista Cláudia Proushan, de São Paulo.

Em 1987, ela passou um período acompanhando o lama budista tibetano Gangchen Rimpoche nas suas andanças por China, Nepal, Tibete e Índia. Cláudia não buscava apenas autoconhecimento. Tinha interesse na arte oriental. Queria conhecer de perto lugares e costumes que poderiam ter correspondência com seu trabalho artístico.

Ela ficou especialmente estimulada pelo Tibete, o território mais alto do mundo, para onde retornou três vezes. Mesmo antes de chegar ao coração do Himalaia, ela já estava comprometida com uma arte de cunho meditativo. Havia aperfeiçoado noções de harmonia e equilíbrio com o estudo da aquarela – técnica, segundo ela, sintonizada com o princípio budista de perfeição, pois exige dedicada concentração na hora de dosar as medidas de água combinadas com a tinta.

Mas, ao retomar o antigo trabalho, depois da primeira viagem ao Oriente, ela seguiu uma nova direção. Tinha o registro subjetivo do

estilo de vida dos tibetanos, seus hábitos, pequenos gestos cotidianos e suas grandes visões metafísicas. E também imagens concretas registradas em inúmeras fotografias feitas durante sua passagem pelo Tibete.

Com tudo reunido, a artista teve a idéia de incorporar às pinturas pequenos recortes das fotos de viagem: “Senti que algumas aquarelas remetiam a determinadas imagens fotografadas. Eu queria passar o que vivi no Tibete com minha arte. Mas as pinturas, com figuras pouco definidas, pareciam pedir mais personagens e detalhes”, conta a artista.

A partir do momento em que Cláudia respeitou sua intuição, dando espaço para novas interferências – como reproduções de mantras (sons sagrados), orações em hebraico, letras sagradas escritas em papiro –, ela sentiu que sua arte ganhou abertura: “As pessoas se surpreendem com o efeito das inscrições nas aquarelas – mesmo sem entender o que está escrito”, constata Cláudia.

A artista considera mero detalhe o fato de muitos apreciadores acharem que seus quadros abençoam as casas onde são expostos. Do mesmo jeito que seguiu o chamado do coração para ir ao Tibete, Cláudia continua fazendo apenas o que sente verdadeiramente: “A única garantia de alcançar profundidade cósmica na arte”, de acordo com Kandinsky.

TEXTO: LINA DE ALBUQUERQUE  
REPORTAGEM FOTOGRÁFICA:  
ANA PAULA LOPES  
FOTOS: EVERTON BALLARDIN



Cores vibrantes e texturas diversas traduzem as emoções da artista em seu mergulho na cultura tibetana.

